

VÊM DA INFÂNCIA

Vêm da infância, essas mulheres.
Caladas, discretas, sem pressa
de existir. Esplêndidas mulheres essas,
penteadas com a risca ao meio,
as orelhas descobertas pelo cabelo
de sombra clara.
No seu coração o mundo
não era tão pequeno e o que faziam
não lhes parecia humilhação.
Sabiam envelhecer com a vagarosa
luz das crianças
e dos animais da casa.
A par da rosa.



In
Eugênio de Andrade,
O Sal da Língua,
"obra de Eugênio de
Andrade / 26",
Fundação Eugênio
de Andrade, Porto, 1995.

NO FIM DO VERÃO



No fim do verão as crianças voltam,
correm no molhe, correm no vento.
Tive medo que não voltassem.
Porque as crianças às vezes não
regressam. Não se sabe porquê
mas também elas
morrem.

Elas, frutos solares:
laranjas romãs
diospiros. Sumarentas
no outono. A que vive dentro de mim
também voltou; continua a correr
nos meus dias. Sinto os seus olhos
rirem; seus olhos
pequenos brilhar como pregos
cromados. Sinto os seus dedos
cantar com a chuva.
A criança voltou. Corre no vento.

AGORA AS PALAVRAS

Obedecem-me agora muito menos,
as palavras. A propósito
de nada resmungam, não fazem
caso do que lhes digo,
não respeitam a minha idade.
Provavelmente fartaram-se da redeia,
não me perdoam
a mão rigorosa, a indiferença
pelo fogo-de-artifício.
Eu gosto delas, nunca tive outra
paixão, e elas durante muitos anos
também gostaram de mim: dançavam
à minha roda quando as encontrava.
Com elas fazia o lume,
sustentava os meus dias, mas agora
estão ariscas, escapam-se por entre
as mãos, arreganham os dentes
se tento retê-las. Ou será que
já só procuro as mais encabritadas?



Fundação Cuidar o Futuro

NÃO SE APRENDE



↙ Não se aprende grande coisa com a idade.

Talvez a ser mais simples,
a escrever com menos adjectivos.

Demoro-me a escutar um rumor.

Pode ser o prelúdio tímido ainda
do cantar de um pássaro, uma gota
de água na torneira mal fechada,

↘ a anunciação do tão amado
aroma dos primeiros lilazes.

Seja o que for, é o que me retém
aqui, me sustenta, impede de ser
uma qualquer vibração da cal,
simples acorde solar, um nó
de luz negra prestes a explodir.

O poema

O poema me levará no tempo
Quando eu já não for eu
E passarei sozinha
Entre as mãos de quem lê

O poema alguém o dirá
Às searas

Sua passagem se confundirá
Com o runor do mar com o passar do vento

O poema habitará
O espaço mais concreto e mais atento

No ar claro nas tardes transparentes
Suas sílabas redondas

(Ó antigas ó longas
Eternas tardes lisas)

Mesmo que eu morra o poema encontrará
Uma praia onde quebrar as suas ondas

E entre quatro paredes densas
De funda e devorada solidão
Alguém seu próprio ser confundirá
Com o poema no tempo



LAÇOS-COISAS

Coisas que se abandonam,
devagar:
cortar corda de mastro
com estilete fino,
corte-destino estilhaçando ar.

Os elos que se rompem,
como laços:
pedaços de brincar à vida,
vestidos de menina e cor
de rosa.

Ou cinza, agora.

Ou cinza

Os olhos bebem coisas.
A séculos de amor
ressuscitam a dor,
bebendo coisas:
uma taça de vidro, uma moldura,
um ângulo de mesa, inconfundível,
a luz que se estilhaça.
E era.

Corta-destino, a corda
permanece,
morna.

Basta-lhe o alimento
da ternura.



In

Ana Luísa Amaral, E Muitas
62 os Caminhos, "poetas
de letras / 1", Faculdade
de Letras do Porto, 1995.

Coimbra, 11 de Novembro de 1982.

CILÍCIO

São tristes estes dias de velhice.
O sol já não aquece,
Nenhum sonho apetece,
Os versos desfalecem ao nascer.
Mas há não sei que sádico prazer,
Que infernal sedução,
Numa melancolia assim desamparada.
É como ter razão
Numa causa perdida, mal julgada.



Coimbra, 21 de Fevereiro de 1983.



ADÁGIO

Fundação Cuidar o Futuro

X Tão curta a vida e tão comprido o tempo!...

Feliz quem o não sente.

Quem respira tão fundo

O ar do mundo,

Que vive em cada instante eternamente.

148

Coimbra, 30 de Junho de 1983.

PRESCRIÇÃO

Deixa passar as horas
Sem as contar.
Alheia a cada instante,
Vive, a viver a vida, a eternidade.
Feliz é quem não sabe
A própria idade
E em nenhum ano pode envelhecer.
Dura, encantada na realidade.
Negar o tempo é o modo de o vencer.



Coimbra, 11 de Fevereiro de 1985.

EXERCÍCIO ESPIRITUAL

Horas finais da vida.
Quantas, é que não sei.
Mas, as que forem, sejam de poesia.
Nimbadas pela graça
Do claro entendimento
E da pura emoção.
Horas de exaltação
Serena.
De tal modo pensadas e sentidas
Que, depois de vividas,
Nada mais valha a pena.

